

COP-30 e editoriais da grande imprensa: uma leitura decolonial ¹

Fabício Bernardes ²

Resumo expandido em painel temático

A mídia tem um papel fundamental na ordem social. Para Nick Couldry (2019), as sociedades modernas se organizam em torno de um “mito do centro mediado”, segundo o qual a mídia é concebida como o ponto de convergência simbólica das práticas sociais. “A mídia [...] tem efeitos sociais de larga escala, não apenas porque os mecanismos centralizados de transmissão estão estabelecidos, mas também porque acreditamos na autoridade do discurso da mídia em inúmeros contextos locais, porque acreditamos que os outros acreditarão da mesma maneira, e porque agimos de acordo com essas crenças em inúmeras ocasiões específicas” (COULDRY, 2000, p. 5).

Essa posição central dos meios de comunicação de traduzir a realidade, legitimar certas visões e selecionar quais vozes serão amplificadas e quais serão silenciadas estabelece o que Foucault (1979) denomina de regimes de verdade. Ou seja, conjuntos de práticas e saberes que determinam o que pode ser dito e quem pode dizer. O discurso midiático funciona, portanto, como dispositivo de poder/saber, produzindo e reproduzindo verdades que organizam a percepção social da realidade.

Levando em conta a estrutura do poder-saber vigente, o regime da verdade construído por ela é o mesmo que sustenta o eurocentrismo descrito por Quijano (2000) que hierarquiza povos e epistemes, consolidando a colonialidade como forma de controle simbólico. A colonialidade do poder é um sistema de poder global surgido com a colonização das Américas que utiliza a ideia

¹ Trabalho apresentado no eixo temático Crise climática e antropoceno, meio ambiente, biodiversidade e sustentabilidade do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestrando, ESPM, fbneri@gmail.com.

hierárquica de raça para organizar a justificar a exploração do trabalho, o controle da autoridade, a gestão da sexualidade e a produção de conhecimento (QUIJANO, 2000). A colonialidade do saber é a dimensão epistêmica da ideologia da colonialidade do poder que legitima os conhecimentos da Europa Ocidental como universais e desqualifica os demais, criando, assim, condições intelectuais para a dominação eurocêntrica (MIGNOLO, 2005).

Para Chakrabarty (2021), a crise climática impõe um novo tipo de universalidade imposta de cima para baixo pela ameaça física comum. No entanto, esconde um passado colonial e imperial de produção e consumo liderados por uma minoria de países e classes sociais. Os países industrializados do Norte Global são responsáveis pela maioria das emissões históricas de carbono. Por outro lado, as populações mais pobres e os países do Sul Global, que menos contribuíram historicamente para a crise, são também os mais vulneráveis aos seus efeitos. O discurso ocidental e colonial da crise climática se apoia na ideia do Antropoceno – o humano como agente geológico – e acaba encolhendo o impacto e as discrepâncias do capitalismo à categoria de "atividade humana" em geral. “Isso [...] possibilita a distribuição da culpa pela crise planetária de uma forma que ignora a história das contribuições desiguais para o problema.” (CHAKRABARTY, 2021, p. 15).

Para compreender como o discurso ambiental produzido pela mídia tradicional perpetua estruturas coloniais a partir do foco na crise climática, este estudo selecionou três editorias dos principais jornais do Brasil, O Estado de S. Paulo, O Globo e Folha de S. Paulo, entre os meses de setembro e outubro de 2025, sobre a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, também chamada de COP-30, que será realizada no Brasil, na cidade de Belém, entre os dias 10 e 21 de novembro de 2025.

A partir da análise de discurso francesa, utilizada para “revelar o discurso como lugar em que linguagem e ideologia (pontos de vista, ideias, conteúdos, temáticas, etc.) se manifestam de modo articulado” (BACCEGA, 1998, p. 104), observamos como os principais veículos de comunicação reforçam uma perspectiva colonial de poder e saber em temas que envolvem a

sustentabilidade do planeta. Conforme uma leitura preliminar do corpus estabelecido, consideramos três dimensões de análise: (1) o léxico e o semântico da racionalidade e do progresso, (2) a representação da Amazônia e do Brasil e (3) construções de sentido que reforçam a colonialidade do poder e do saber.

No editorial do Estadão “Paralisia Climática”, verifica-se a utilização de palavras como “paralisia climática” e “mau sinal” no título e linha fina do texto para descrever a situação da COP-30, à época de publicação do artigo, a menos de 40 dias do seu início. A efeito de contraste, evoca os números exitosos, em sua visão, da mesma conferência realizada em 2021 na Escócia. O veículo já havia opinado anteriormente que um provável insucesso da COP-30 seria devido às questões logísticas e de hospedagem provenientes da escolha da sede do evento, que será em Belém, cidade-chave na Amazônia. Ao interpretar o evento como uma responsabilidade brasileira – e não do mundo – de discutir um futuro mais sustentável, o editorial sinaliza ineficiências, muitas vezes ligadas a países do Sul Global, reforçando uma hierarquia entre centro e periferia e produzindo uma legitimação do modelo eurocêntrico de desenvolvimento como o único racional, associando-se ao que Mignolo (2005) denomina diferença colonial: o Norte como lugar de progresso e o Sul, como lugar de atraso.

O editorial d’O Globo “Sem metas de emissões, COP-30 será frustrante” adota uma narrativa parecida de fracasso da COP-30 relacionado à entrega de metas de outros países, mas vai além: argumenta que essa situação gera incerteza e fuga de investidores e, portanto, de capital. Ao declarar que “Belém precisa transmitir uma mensagem inequívoca”, novamente transfere a responsabilidade de sucesso do evento à cidade que o recebe – e não aos países mais contribuem e contribuíram com o aquecimento global e a crise climática. Também descreve a conjuntura do momento como uma responsabilidade que o Brasil e Belém têm de correr contra o tempo: “ainda dá tempo de evitar a frustração”, como se a apresentação das metas climáticas de cada país que vai participar da conferência fosse, de alguma forma, responsabilidade do país-sede da conferência, e não da ONU.

O editorial da Folha de S.Paulo “Quatro décadas de devastação florestal” enfatiza uma responsabilidade histórica do Brasil pela degradação ambiental do seu território. A Amazônia é representada como lugar de perda e falha, reforçando um discurso de culpa nacional, que ignora as dimensões coloniais e capitalistas da destruição ambiental. Apenas no último parágrafo a COP-30 é citada – num contexto em que o Brasil tem que apresentar desempenho climático no evento, como se o país tivesse a obrigação de exibir “trunfos na contenção de sua principal fonte de emissões de gases de efeito estufa”, e não em situação de igualdade perante os outros países, que participarão da conferência para discutir alternativas para a crise climática – e não para justificar seu passado. Esse discurso de autocritica nacional, concentrado na culpa e na responsabilização interna pela destruição ambiental, reforça o que Mignolo (2005) denomina colonialidade internalizada, pela qual as periferias adotam o olhar do centro como parâmetro de autorrepresentação. Ao caracterizar a Amazônia como espaço simbólico de falha, como observa Baccega (1998), o jornalismo institui sentidos sobre o real, reafirmando os valores de sua formação discursiva dominante.

Conclusão

Nos três textos, observa-se a permanência de um mesmo regime de verdade: o da racionalidade ocidental como parâmetro de legitimidade. Com base em Foucault (1979), é possível afirmar que o jornalismo funciona como um dispositivo de poder/saber, que define o que é legítimo dizer sobre o meio ambiente e sobre o Brasil. Enquanto os jornais se posicionam como difusores de uma voz esclarecida e universal, enquadram o Brasil e a Amazônia como locais de falha ou atraso. Essa estrutura de discurso aponta para um funcionamento da imprensa fortemente baseado nas perspectivas de colonialidade de poder (QUIJANO, 2000) e saber (MIGNOLO, 2005), que, como mostra Chakrabarty (2021), ajuda a camuflar uma história desigual das emissões de carbono e permite que a culpa pela crise planetária seja distribuída de maneira “universal”, penalizando a periferia. Ao enquadrar o país-sede como o agente responsável por “transmitir uma mensagem inequívoca” e evitar a “fuga de investidores”, os editoriais naturalizam a posição subalterna do Sul

Global na ordem geopolítica, submetendo-o à vigilância e aos "padrões globais" definidos pelo centro.

Palavras-chave: imprensa; decolonialidade; meio-ambiente; análise do discurso; editoriais.

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998.
- CHAKRABARTY, Dipesh. Planetary Crises and the Difficulty of Being Modern. **Millennium: Journal of International Studies**, London, v. 40, n. 1, p. 1–23, 2021.
- COULDRY, Nick. *The Place of Media Power: Pilgrims and Witnesses of the Media Age*. London: Routledge, 2000.
- COULDRY, Nick. Do mito do centro mediado ao mito do Big Data: reflexões sobre o papel da mídia na ordem social. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 16, n. 47, 2019.
- ESTADÃO. **Paralisia climática**. São Paulo, 4 out. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniaio/paralisia-climatica/>. Acesso em: 15 out. 2025.
- FOLHA DE S.PAULO. **Quatro décadas de devastação florestal**. São Paulo, 6 set. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2025/09/quatro-decadas-de-devastacao-florestal.shtml>. Acesso em: 15 out. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MIGNOLO, Walter D. **The idea of Latin America**. Malden: Blackwell, 2005.
- MIGNOLO, Walter D. Novas reflexões sobre a “idéia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, maio/ago. 2008.
- O GLOBO. **Sem metas de emissões, COP30 será frustrante**. Rio de Janeiro, 5 out. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaio/editorial/coluna/2025/10/sem-metas-de-emissoes-cop30-sera-frustrante.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2025.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.